

INTRODUÇÃO

O título deste livro evoca as *personas* sexuais perdidas do feminismo contemporâneo. As vampes são rainhas da noite, reino primevo excluído e reprimido pelos profissionais da classe média, tranquilamente instalados nos seus escritórios luminosos e resplandecentes. A glamourosíssima estrela de cinema, prostituta e sedutora, exerce o antigo poder vampírico da mulher sobre o homem. Esse poder não é nem racional nem mensurável. As regras apolíneas que aprovamos para governar os locais de trabalho nunca controlarão completamente os impulsos demoníacos da noite dionisíaca. A igualdade sexual perante a lei — primeiro grande objetivo do feminismo moderno — não pode transferir-se assim tão facilmente para as nossas vidas emocionais, onde a mulher domina. São a arte e a pornografia, não a política, que nos mostram a autêntica verdade sobre o sexo.

Eu quero um feminismo outra vez aventureiro. Recolocar a questão da aventura significa que a *lady* tem de ser uma vagabunda. A minha geração de rebeldes dos anos 60 queria despedaçar os códigos burgueses que se haviam tornado os tótemes autoritários dos anos 50. A rapariga «bem comportada», com o seu discurso asséptico e maneiras decorosas, tinha de sair de cena. Mas trinta anos depois, ainda estamos às voltas com ela — nas porta-vozes oficiais e herdeiras unguidas do *establishment* feminista. A *persona* branca de

classe média mudou muito pouco. Retirando as mulheres da cozinha e colocando-as num escritório, pusemo-las simplesmente numa outra prisão burguesa. A visão panorâmica dos anos 60, inspirada no budismo e no hinduísmo, colocava todo o sistema ocidental das carreiras profissionais em questão. Mas um tal *insight* perdeu-se.

Os *beatniks*, geração de dissidentes antes da minha, foram para «a estrada» — não só fisicamente, como Jack Kerouac, mas espiritualmente. Allen Ginsberg, o Walt Whitman de Nova Iorque, compôs as canções andarilhas de um exílio na sua própria terra. Ao promover a fusão dos cantos hindus e hebreus com os ritmos do jazz afro-americano, Ginsberg deu nova energia ao estilo folclórico purista de Bob Dylan, trovador vagabundo da minha geração, que continuou a fazer do *rock'n'roll* uma forma de arte. Em «Like a Rolling Stone», Dylan força a sua descrente heroína a confrontar o «vagabundo misterioso» de olhar perdido, que tanto é o artista quanto a morte personificada, com a realidade da extinção que define a própria vida. «Pense por si mesmo», dizem os Beatles, e deixe a mente divagar «por onde quer que vá». O vagabundo é um andarilho que explora a região fora do *status quo*.

Até ao final dos anos 50, uma mulher sexualmente livre era designada por «vagabunda», isto é, vadia ou prostituta, uma puta. A jovial e insaciável Heidi Abromowitz, de Joan Rivers, era, ao exibir-se no cais para saudar a frota, o *alter ego* sombrio da rapariga casta de classe média. Temos de resgatar a Prostituta da Babilónia, deusa natural da complexa cidade de torres masculinas arrogantes e jardins suspensos femininos. Vampes e vadias são *personas* babilónicas, pagãs proscritas. Vivem novamente nas nossas audazes *drag queens** e *ativos gays cow-boys* da meia-noite dos desfila-deiros urbanos. Um episódio da série televisiva *Perry Mason*, com Raymond Burr como estrela, foi intitulado *The Case of the Vagabond Vixen*. A sexualidade feminina, libertada do sequestro judio-cristão, retorna à natureza animal. A mulher que «passeia» (prostituído-se) é vagabunda e predadora, autodirige-se e não é vítima de ninguém.

* Movimento de homens vestidos e pintados como vampes. (N. T.)

O feminismo da igualdade de oportunidades, que eu partilho, exige a remoção de todas as barreiras ao avanço da mulher nos mundos político e profissional — mas não ao preço de protecções especiais para as mulheres, que são infantilizadoras e antidemocráticas. Como libertária dos anos 60, oponho-me também à super-regulação da sexualidade, solução que se desdobrou num totalitarismo extremo no decurso da década passada na América. A cultura está em risco quando as liberdades civis são sacrificadas no altar do sucesso de uma carreira profissional. Funcionar profissionalmente na apolínea máquina capitalista — que louvo como veículo da libertação moderna da mulher — não deve ser confundido com identidade humana plena. Tão-pouco essa política de escritório pode ditar a nossa compreensão da sexualidade, que se inicia como força da natureza fora da esfera social.

Apesar da rebelião dos anos 60, o estilo classe média branca continua a tyrannizar-nos, pois o negócio das corporações, com a moderna eficiência da ética do trabalho baseada no lucro, nasceu na Europa setentrional protestante, antes e depois da revolução industrial. E foi puritano e dessensualizado desde o começo. Brandas à superfície e por baixo fervilhantes de hostilidade darwinista, as maneiras de escritório pulverizam e homogeneizam todas as diferenças étnicas e raciais. O mundo está WASP*. Quando as corporações se tornam monopólios ou se agrupam como cogumelos em mega-entidades globais sem rosto que rivalizam com as nações-estado, é nossa obrigação analisar com atenção e controlar os negócios; mas o estilo desse mundo dos negócios, que fetichiza a *persona* protestante branca, pode estar além de quaisquer reformas, pois é pura e simplesmente demasiado efectivo.

Precisamos de redistribuir os papéis no drama quotidiano do nosso teatro público. Meditar sobre vampes e vadias faz-nos ver as decorosas fronteiras da vida profissional. Ao reclamar «um quarto que seja seu», Virginia Woolf criou uma metáfora central do feminismo do século XX. Emily Dickinson, com mais uma volta da chave, tinha consumado este espaço mental seguro, mas era filha e

* Iniciais de *White Anglo-Saxon Protestants*. (N. T.)

irmã de advogados de sucesso. Emolumento do privilégio e da prosperidade, o «quarto que seja seu» já era demasiado burguês para a minha geração subversiva, cujo impetuoso espírito roqueiro aconselhava: saia de casa, e não pare. Um *carro* que seja seu, o grande igualador, está mais de acordo com o modo de ser do amazonismo americano. Na auto-estrada aberta, lutando contra a natureza tempestuosa e esquivando-se dos enormes camiões de dezoito rodas (navios-piratas dos nossos dias), a mulher nunca tinha tido tanta mobilidade, nem havia sido tão capaz da jornada arquetípica da busca heróica, um mito tradicionalmente masculino.

O novo vagabundo não é uma pessoa deslocada, excepto na medida em que (ele ou ela) for um refugiado da família nuclear. A vida é uma condição de busca de significado — um processo activo e afirmativo, diferente do estúpido derrotismo do modernismo e do pós-modernismo. O século XXI multicultural também vai exigir procura, à medida que nos afastamos cada vez mais das nossas origens étnicas. Através do princípio a que chamo dualidade criativa, devemos recuperar e celebrar as nossas raízes étnicas, ao mesmo tempo que nos identificamos com a natureza sem-tecto do vagabundo. A tarefa é equilibrar a isenção filosófica, a consciência isolada, com um sentido de comunidade e compromisso com as questões sociais.

Superprotegidas no passado paternalista, as mulheres têm uma obrigação especial de libertarem as suas *personae*. O aventureirismo masculino sempre foi um privilégio custoso e doloroso. Quando o escritório — entendo por isso todo o complexo de trabalho de colarinho branco uniformemente cooperativo e baseado na palavra, tanto nos negócios como na Universidade — se torna o paradigma primário da nova realização feminina, isso significa que a mulher se separou a si mesma das experiências de risco e das confusões que sempre endureceram os homens. As mulheres nunca terão sucesso nos níveis ou números que merecem enquanto não superarem a sua gentil relutância em recorrer a uma linguagem ofensiva nos ataques e contra-ataques da guerra territorial. A tendência recente no feminismo, nomeadamente em matéria de assédio sexual, confia de mais na regulação e legislação, em vez de promover a

responsabilidade pessoal. As mulheres não devem colocar-se sob a tutela de figuras de autoridade e tornarem-se suplicantes. Liberdade significa rejeitar a dependência.

A dualidade criativa também se aplica à autodefinição feminina. O hiperdesenvolvimento da *persona* apolínea do escritório durante o dia — crucial se as mulheres quiserem alcançar postos de direção — necessita de medidas contrárias de saúde psíquica. Os intensos estados mentais precisam da licença dionisíaca da noite. A minha concepção de feminismo das ruas exige tácticas guerrilheiras agressivas de velocidade, subterfúgio e surpresa. O andar e a fala das ruas, espaçosos e atrevidos, próprios das vampes e vadias, são opostos polares da linguagem reservada e comprimida do corpo e das vozes humildes e subjugadas requeridas pelo mundo profissional e os seus espaços contidos. A rua é natureza, visão da selva aberta com as suas energias exuberantes e brutas de caça e perseguição. Comunicação é o chamar-e-responder africano, alto porque tem de cobrir grandes distâncias. Estou agudamente consciente da dificuldade de transição entre a classe trabalhadora e a classe média, já que me identifiquei, em detrimento da minha carreira, com o estilo assertivo e teatral da geração dos meus avós (o meu avô materno trabalhava numa fábrica de sapatos), em vez de o fazer com as boas e discretas maneiras da geração dos meus pais, que buscavam a assimilação social na América.

As vampes e as vadias são os símbolos maduros de um feminismo duro, a minha resposta à auto-satisfação presunçosa e ao materialismo crasso do feminismo *yuppie*. Eu admiro o realismo obstinado e irreverente de Ida Lupino e das heroínas do *film noir*. As raparigas brancas com as suas fantasias de princesas provocam-me náuseas. O vigésimo primeiro hexagrama do *I Ching* é Shih Ho, o «Morder», que representa a superação tenaz do obstáculo. Nada de meiguices. Nada de placebos ou falsas seguranças. Os distúrbios do apetite que flagelam o feminismo burguês são rituais regressivos de filhas dóceis que, num certo nível, se recusam a defender-se a si mesmas. Como criança ítalo-americana que fui, alimentaram-me com cogumelos pretos, folhas de dente-de-leão, alcachofras e azeitonas picantes temperadas com pedaços de pimenta vermelha.